

A REPRESENTAÇÃO DA HOMOAFETIVIDADE MASCULINA NO DISCURSO DE ACADÊMICOS DO CURSO DE LETRAS INGLÊS/UEVA

Autor (1) José Rafael Barros de Moraes; Orientador (2) Prof. Me. José Raymundo F. Lins Júnior

(Universidade Estadual Vale do Acaraú- UEVA, e-mail: rafabarros.lettras@gmail.com¹; Universidade Estadual Vale do Acaraú- UEVA, linsjr2000@hotmail.com²)

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo analisar a representação da homoafetividade masculina no curso de Letras/Inglês da Universidade Estadual Vale do Acaraú, na cidade de Sobral/CE. Os estudos linguísticos, através do viés de Linguística Aplicada ou da Análise do Discurso, superaram questões estritamente ligadas ao ensino e à aprendizagem, e hoje dialogam com várias áreas do conhecimento, na tentativa de contribuir com discussões que permitam resolver demandas sociais. Entre elas, as questões sobre identidade de gênero e diversidade sexual são temas controversos que, longe de chegar ao senso comum, tornam-se cada vez mais necessários dentro e fora das fronteiras acadêmicas. Através da análise dos discursos dos licenciandos deste curso, propomos um diálogo entre a teoria *queer* (BUTLER, 2010) e o Sistema de Transitividade da Gramática Sistêmica-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), como uma tentativa de entender os processos nos quais os participantes se identificam como indivíduos LGBT (Lesbicas, Gays, Travestis e Transexuais). A metodologia quali quantitativa se dá através da análise dos dados coletados por um questionário aplicado entre 1 e 15 de agosto de 2017, no curso. Entendemos o discurso como as escolhas que um falante faz do potencial lexicogramatical da língua, resultando em como os participantes expressam e representam sua sexualidade e gênero. Os resultados mostram que a representação da homoafetividade, embora ainda relacionada à oposição binária dos atributos de masculinidade/atividade e feminilidade/passividade, não impede o reconhecimento das estruturas opressivas de um sistema heteronormatizado e a reação/empoderamento de indivíduos que não se submetem a essa opressão.

Palavras-chave: Homoafetividade; Gênero; Sexualidade; Papeis sexuais.

INTRODUÇÃO

A língua(gem) é uma prática social e não deve ser analisada como uma estrutura isolada das relações entre os indivíduos. Aceitar esta premissa significa afastar-se dos estudos formalista, que ainda dominam grande parte do imaginário dos cursos de Letras no Brasil – sobretudo aqueles em que a pesquisa acadêmica não é uma prioridade desde os semestres iniciais. Dito isso, como graduando em Letras pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA) e sujeito LGB, percebi a necessidade de discutir questões voltadas para identidade de gênero, uma vez que são raros esses estudos no nosso curso.

Com afirmou-se inicialmente, o discurso é uma construção social (MOITA LOPES, 2002, p. 31) e, portanto, percebido como uma forma de ação no mundo na qual os indivíduos envolvidos agem e constroem a realidade e a si mesmos. Levando em conta que a representatividade LGBT no

curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UEVA) é significativa enquanto orientação sexual, opta-se por fazer um recorte com os indivíduos gays masculinos no sentido de compreender a representação da masculinidade neste universo pesquisado. Nesse sentido, discute-se como a masculinidade – e suas variadas manifestações – vem sendo construída por alunos de Letras em formação e são percebidas por esses indivíduos, que trabalharão com a linguagem nas suas futuras práticas profissionais. A escolha do recorte pelo gênero masculino se deu por uma questão de tempo para a realização do estudo, entretanto, reconhecemos e consideramos que um estudo mais amplo deve, também, abordar o feminino e as identidades trans.

Para tanto, estabelece-se como pergunta de partida: qual o conhecimento sobre identidade de gênero que os alunos do curso de Letras têm. Os dados coletados levaram a considerar as seguintes questões secundárias: (1) qual a importância da representatividade homoafetiva masculina no curso, (2) de que forma o discurso representa o posicionamento desses acadêmicos homoafetivos pautado em estereótipos tradicionais acerca do masculino e do feminino ou como ruptura deste modelo dicotômico e, finalmente, (3) discutir se o processo de constituição da masculinidade gay sofre interferência negativa por questões de preconceito.

Parte-se do pressuposto que muitos acadêmicos não têm conhecimento da imposição do imaginário social heteronormativo que influencia a construção das identidades de gênero e a própria manifestação da orientação sexual dos indivíduos. Nesta discussão defende-se uma análise do discurso que priorize as demandas sociais e traga novas reflexões não apenas para a academia, mas para a sociedade em geral – e, sobretudo para os participantes da pesquisa. Desta forma, a academia, enquanto espaço de construção de saberes profissionais e sociais, deve abarcar diferentes assuntos nas discussões em sala de aula e um dos temas que é preciso ser incluso imediatamente é sobre identidade gênero para que sejam quebrados os paradigmas e estereótipos que são socialmente disseminados por falta de embasamento.

O presente estudo está organizado em quatro capítulos, a saber: 1. Gênero, sexualidade e a teoria *queer*: para além das naturalizações; 2. Uma breve explicação sobre sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional e a representação da identidade masculina em indivíduos LGBT; 3. O “universo” LGBT no discurso de seus representantes, 4. Questões em aberto.

A discussão iniciada neste trabalho é de fundamental importância para tratar de um conteúdo que deve ser incluído na educação básica, o que, pelas reações contrárias às propostas de

educação sexual, parece manter a escola num formato tradicional, heteronormativo e segmentador, que ainda faz de temas como LGBTfobia, feminismo e transexualidade tabus a serem refutados do ambiente de formação cidadã. Ser um professor que reflete diante das mudanças sociais e incluir temas como o deste trabalho nas aulas é uma atitude de cidadania. Freire (1996) defende que a reflexão do sujeito sobre si, sobre o seu estar e suas ações sobre o mundo permitem ultrapassar limites que muitas vezes lhe são impostos, adotando, então, ações políticas.

METODOLOGIA

A metodologia consiste da coleta de dados via questionário aberto, aplicado a onze alunos LGBT do curso de Letras da UEVA, no período de 01 até 15 de agosto de 2017. As respostas foram analisadas à luz do sistema de transitividade da Gramática Sistêmico-Funcional (GSF), proposta por Halliday e Matthiessen (2004), a fim de entender a representação da masculinidade LGBT a partir dos processos que a constituem.

Os procedimentos de análise se desenvolveram em três etapas. A primeira foi a leitura e seleção do *corpus*, descartando os respondentes que não se identificavam como homoafetivos masculinos. A segunda, a seleção dos fragmentos significativos para a análise, constituindo o *corpus* final para análise. A terceira etapa consistiu na categorização dos Processos, Participantes e Circunstâncias, de acordo com a Gramática Sistêmico-Funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) e suas interpretações.

A categorização nos possibilitou identificar três categorias de análise: (1) A Representação da masculinidade, (2) A identidade LGBT e (3) A Identidade LGBT no Curso de Letras da UEVA. A discussão dos dados foi alimentada pelas questões de gênero e sexualidade (FREUD, 1996; BUTLER, 2010; LINS JR, 2012), associando os discursos às representações identitárias dos respondentes.

Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, porque não se limitar a identificar o número ou ocorrência de processos, mas os explica à luz de teorias e estudos sobre identidade, gênero e discurso. De acordo com GIL (2007), quanto aos objetivos é uma pesquisa exploratória, porque através de entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o

problema pesquisado, os dados permitiram a expansão de discussões que estimulem a compreensão do problema investigado.

Espera-se, com esse trabalho, despertar a motivação dos acadêmicos do curso (discentes e docentes) para trazer a discussão sobre gênero para a sala de aula, nas disciplinas de linguística, literatura e práticas de ensino, para os corredores do curso de Letras e não apenas reconhecer, mas respeitar a representatividade LGBT no curso, dando-lhes condições de superar os preconceitos que a sociedade ainda lhes impõe.

2. GÊNERO, SEXUALIDADE E A TEORIA *QUEER*.

As discussões sobre a diferença entre gênero e sexualidade existem há muito tempo, sobretudo a partir de estudos de Freud, que apresentam a sexualidade como a dimensão mais ampla da experiência, presente em toda atividade humana: a forma como os sujeitos vão ao encontro do outro, como se relacionam, como manifestam seus desejos, prazeres e formas de viver o masculino e o feminino (LINS JR., 2012, p. 50-62).

Encontra-se no pensamento freudiano a relação entre o sujeito (que deseja/fala) e o objeto (que é desejado/representado), uma junção de movimentos seguidos para construção de sentido, nos quais os discursos são constituídos na realidade e dela constituintes. Nesta perspectiva, acredita-se na dicotomia entre afeto e a razão, sendo a última citada responsável pela parte civilizada e humana dos indivíduos, e o primeiro, pela parte animal e instintivo que há nas relações humanas.

Em relação ao comportamento, Freud (1996a, p. 136) acredita que sujeitos homoafetivos tendem a assumir o estereótipo do sexo biológico oposto ao seu, como se essa atitude se confirmasse a completude da diferença entre os iguais. Por outro lado, entre os homossexuais masculinos, essa atitude poderia gerar uma certa exclusão social, haja vista a hegemonia masculina que faz a sociedade prezar pela virilidade tanto nas características físicas quanto afetivas. Assim, um comportamento mais efeminado não seria tolerável em um homem, pois seria como ele abrir mão do poder que a sociedade lhe legitima. Décadas depois, nos vemos no mesmo dilema, quando tratamos, nas comunidades de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros (LGBT), dos comportamentos entre os gays mais efeminados e os mais masculinizados – inclusive atribuindo a essas representações, os papéis de passivo e ativo, respectivamente (o que, sabe-se, não é uma

constatação, mas mito). Atualmente, falar de ‘ativos’ e ‘passivos’, masculinos e efeminados é falar de identidade sexual e não de um transtorno psicótico.

A grande contribuição de Freud (1996) ao discutir sexualidade (masculina) é que ele afirma que a mesma deve deixar de assumir um papel sexual que oprime os corpos subjetivos a se prenderem nos padrões de virilidade impostos e começar a efetivar as práticas que são motivadas pelo desejo do outro indivíduo que é característico das relações humanas para que vivam sua subjetividade e desejo que ainda são reprimidos.

Nas discussões sobre identidade de gênero é quase impossível não fazer qualquer referência à teoria *queer* que foi desenvolvida para romper com o tabu do tradicionalismo sobre as “minorias” sexuais e de gênero. O termo *queer* inicialmente denotava características pejorativas, ou seja, um xingamento que marcava a anormalidade, perversão e desvio ao que era considerado aceitável na sociedade, destacando o caráter heteronormativo da sexualidade. Posteriormente, o termo assumiu uma característica de resistência a hegemonias heteronormativas e visibilidade do que antes era abjeto. Desta forma, os teóricos *queer* delimitavam novas investigações relacionadas a dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais. O termo foi assumido, também, por grupos LGBT como forma de caracterizar a perspectiva de militância política. Assim, *queer* é uma afirmação tanto acadêmica quanto política – assim como devem ser todas as pesquisas – inclusive esta, que, em sua proposta inicial, se coloca contra processos ideológicos de naturalização. Em outras palavras, ao utilizar a ofensa *queer* (estranho, em português) para denominar uma corrente de reflexão, pesquisadores de gênero propõem uma resignificação radical sobre a sexualidade.

Ao desconstruir a ideia de produto e defender a ideia de processo, a teoria *queer* rejeita a concepção segundo a qual uma identidade se coloca sobre outra(s), reforçando hierarquias e relações de poder, que acabam por naturalizar certas práticas sociais, reproduzindo privilégios e gerando comportamentos diferentes. Isso não significa uma negação da constituição do gênero sobre corpos sexuados, ou seja, o dado biológico não é negado, porém existe uma ênfase significativa na construção social e histórica produzida sobre as características biológicas. Dessa forma, o gênero é tratado como um dos elementos que constitui as identidades dos sujeitos que se transformam por meio das práticas sociais. Mais tardiamente, outros pesquisadores de gênero propõem modelos que superam a dicotomia biológico/social, falando de gênero como categoria

performativa, como é o caso de Judith Butler, que supera a noção de identidade para identificação, ou seja, um processo infindo enquanto o indivíduo estiver vivo.

3. O SISTEMA DE TRANSITIVIDADE DA GRAMÁTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL E A REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE MASCULINA EM INDIVÍDUOS LGBT.

Esta seção é dedicada à uma breve explicação do sistema de transitividade da gramática sistêmico-funcional (doravante, GSF) e como a representação da identidade masculina em indivíduos LGBT pode ser percebida a partir de aspectos lexicogramaticais, seja pela (re)produção de estereótipos heteronormatizado, seja pela ruptura desses modelos e afirmações de uma identidade fluida ou sem determinismos de qualquer ordem.

Pensando com Halliday (2004 *apud* LINS JR, 2012, p. 67) a língua é um fenômeno que deve ser pensado a partir de seus contextos (1) de cultura (ambiente para o conjunto total das opções de uma determinada língua) e (2) de situação (ambiente imediato de qualquer seleção particular efetuada dentro dessas opções).

A GSF busca identificar o significado de um texto não através das regras que decodificam a estruturas da língua, mas buscando saber como se constituem os significados e por que de sua existência em determinada cultura. Assim, a língua é um sistema de potencial de significação (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), ou seja, um sistema que apresenta os padrões semânticos que se materializam de acordo com as necessidades dos falantes de interpretar a experiência humana. Seguindo esse viés, a linguagem é uma manifestação social – a expressão da vida mental dos falantes –, pois ela só ocorre se estiver imbricada na sociedade por meio da interação entre os sujeitos. Dessa forma, a língua (enquanto sistema) realiza o contexto de cultura, ou seja, codifica a própria cultura. Segue um exemplo para melhor entendermos esse conceito:

Citando Lins Jr. (2012), os processos que são citados na metodologia são divididos em três grandes categorias, que são: o Processo Material (P:Mat), responsável pela realização de coisas no mundo físico, o Processo Mental (P:Men), responsável pela construção de ideias e sentimentos, e o Processo Relacional (P:Rel), responsável pela afirmação e contatação de fenômenos. Esses processos são intermediados por três subcategorias: o Processo Comportamental (P:Comp), localizado entre o Material e o Mental e responsável pelas manifestações físico-psicológicas dos

indivíduos, o Processo Verbal (P:Ver), localizado entre o Mental e o Relacional e responsável pelos dizeres e falares, e o Processo Existencial (P:Exist), localizado entre Relacional e o Material, sendo responsável pela manifestação das coisas que existem no mundo. Mais do que a gramática tradicional ou a gerativa, esses processos nos permitem perceber os significados e as representações que os sujeitos da pesquisa dão para suas realidades, uma vez que os participantes não são apenas sujeito e predicado, mas são nomeados a depender dos processos, como veremos nas análises a seguir.

4. O “UNIVERSO” LGBT NO DISCURSO DE SEUS REPRESENTANTES

O corpus consta de quarenta e cinco processos categorizados. Destes, os mais frequentes foram os relacionais (dezessete), que estabelecem relação de identificação e características já conhecidas no mundo. São ainda, processos utilizados para a naturalização e eternização de ideias e conceitos. Em seguida aparecem os processos materiais (onze), responsáveis pelas ações realizadas no mundo, o que nos leva a perceber que há uma subjetividade consciente (embasada nos processos que o seguem, a saber, dez verbais e sete mentais) que posicionam os entrevistados não como vítimas da hegemonia heteronormatizada, mas como autores de sua própria sexualidade. Não foram identificados processos existenciais e comportamentais.

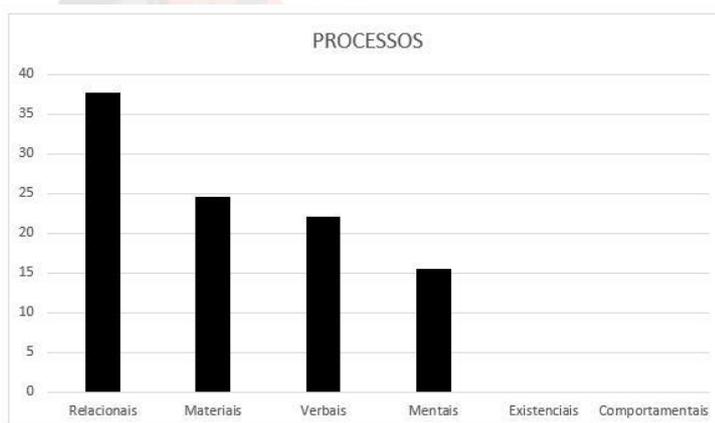


Gráfico 1: Percentual em números dos tipos de processos ocorrentes no *corpus* final.

4.1 Representação da masculinidade

O senso comum fez com que por muito tempo se associasse às características anatômicas e biológicas do corpo dos machos e das fêmeas, o que se entende por homem/masculino

e mulher/feminino. Ora, se acompanharmos a história, essa é uma discussão antiga, trazida à luz da ciência por Freud (1996) e discutida por Beauvoir (1980, p. 9), através da célebre frase “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. Em outras palavras, devemos questionar o determinismo que insiste em tornar um indivíduo socialmente reconhecido como homem ou mulher pelas especificidades do seu aparelho genital, libertando-os das “prisões” de uma identidade fixa e pré-determinada (BARBOSA; SILVA, 2016, p. 131), trabalho a que nos propomos a partir de agora.

Ser masculino **é ter** características ditas como “ másculo”, **ter** voz grave, postura dura, sem muitos cuidados estéticos e/ou capacidade de proteger, **ser** forte. Tudo isso na minha opinião **não caracteriza** homem (RESPONDENTE A).

“Caracteriza” enquanto processo relacional que identifica os sujeitos a que se refere, traz à tona a questão do senso comum. O respondente associou os processos identificativos e possessivos às características físicas e psicológicas do que é ser homem para a sociedade.

Do meu ponto de vista o ativo **seria** o representante da parte mais dominante e decidida da relação enquanto o passivo **seria** o submisso da relação (RESPONDENTE B).

Esses termos **costumam causar** confusão uma vez que ativo e passivo **são percebidos** com papéis sexuais do homem e da mulher. Esse estigma **pode ser** considerado e estendido para todos os momentos da relação para alguns. Isso **significa dizer** que o “ativo” seria aquele que também exerce o “papel de homem” nos outros momentos da relação.. Então se **formos pensando** assim o ativo é aquele que vai prover as necessidades financeiras (RESPONDENTE C).

Para esses respondentes, a relação sexual mostra a relação de dominação binária, onde o masculino/ativo provê e cuida, e o feminino/passivo recebe os cuidados. Este princípio pode criar, organizar, expressar e dirigir o desejo da masculinidade como posse ou dominação erotizada, e o desejo da feminilidade como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação (BOURDIEU, 2012, p. 29).

Os Processos Mentais (perceber e pensar) do respondente C reforçam essa ideia da concepção de papel sexual com as funções sociais do sexo, fato destacado pelo historiador americano Randolph Trumbach (1989). O autor detectou dois padrões principais da interação homossexual no ocidente, desde o século XII, os quais, por sua vez, fazem repercutir dois grandes padrões da organização da homossexualidade em escala mundial (ativo e passivo).

Os Processos Materiais (exercer e prover) reforçam a superioridade falocêntrica como o agente das ações. A biologização do social produziu nos corpos e nas mentes uma relação invertida entre as causas e os efeitos do gênero que é uma construção social naturalizada. Neste contexto para que seja compreensível as diversas manifestações de gênero, mais especificamente focada ao corpo,

é necessário estabelecer a compreensão entre o que é gênero e sexo e como ambos são categorias que não se associam, sobretudo porque enquanto a primeira é multifacetada, a segunda é binária.

4.2 Identidade LGBT e as questões linguísticas

Esta segunda categoria analítica trata de como os respondentes se veem e se posicionam nas suas próprias realidades, em situações do cotidiano. A pergunta era referente ao momento de agressão contra um LGBT em espaço público.

Caso eu **conheça** a pessoa **tentarei argumentar** sobre o assunto, caso **não (conheça) mudo** de lugar, pois não **saberei** qual a reação dessa pessoa (RESPONDENTE D).

Ao serem abordados sobre as ações e reações de indivíduos LGBT em espaços públicos e dentro do curso de Letras da UEVA, o respondente D utilizou-se mais de Processos Mentais do tipo cognitivo, o que demonstra um não agenciamento direto, o que parece um sinal de insegurança diante das situações narradas. Pode-se associar essa insegurança a práticas homofóbicas, pois o diferente (abjeto) nos assusta, muitas vezes. A homofobia engessa as fronteiras do gênero e esta, geralmente, associada à feminilidade assumida por aquele que deveria ser o dominador na relação entre indivíduos, ou seja, ao desejar outro estereótipo da dominação, estar-se-ia rejeitando-a e desejando a submissão, numa perspectiva heterossexual historicamente construída. Outro repodente diz

Caso eu **conheça** a pessoa **tentarei argumentar** sobre o assunto, caso **não (conheça) mudo** de lugar, pois não **saberei** qual a reação dessa pessoa (RESPONDENTE D).

Ao serem abordados sobre as ações e reações de indivíduos LGBT em espaços públicos e dentro do curso de Letras da UEVA, o respondente D utilizou-se mais de Processos Mentais do tipo cognitivo, o que demonstra um não agenciamento direto, o que parece um sinal de insegurança diante das situações narradas. Podemos associar essa insegurança a práticas homofóbicas, pois o diferente (abjeto) nos assusta, muitas vezes. A homofobia engessa as fronteiras do gênero e esta, geralmente, associada à feminilidade assumida por aquele que deveria ser o dominador na relação entre indivíduos, ou seja, ao desejar outro estereótipo da dominação, estar-se-ia rejeitando-a e desejando a submissão, numa perspectiva heterossexual historicamente construída.

Eu **sou** bem garota **dizem** que quando eu ando, eu rebolo bastante, **falo** arrazou, vinhado, “beesha” (bicha), morta, jogada. Minhas roupas **são** bem gays, **uso** maquiagem e ainda **vou me montar** de Drag Queen (RESPONDENTE D).

O respondente utilizou o Processo Relacional atributivo para descrever sua identidade gay a partir de características feminilizantes e o Processo Material (usar e montar) como ação de efetivar a “persona” travestida. Cabe lembrar, aqui, que “Drag Queen” era o termo utilizado para os atores da idade média, quando interpretavam papéis femininos nas peças, uma vez que não cabia às mulheres tal profissão. O respondente não parece assumir a identidade de Drag Queen para fortalecer ou empoderar a militância por questões LGBT, mas se opõe com Processo Verbal (dizer) refere-se as características que lhe são atribuem..

4.3 A identidade LGBT no curso de Letras da UEVA

Esta terceira categoria trata da realidade dos indivíduos LGBT dentro do curso de Letras da UEVA. Para começar, devemos alertar que, embora muitos professores, alunos e funcionários, cada um a sua maneira, entendam, respeitem e apoiem a causa LGBT no curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú, ainda há casos sérios de homofobia que precisam ser denunciados, combatidos e punidos. Um respondente, ao relatar uma situação de preconceito causada por um professor do curso de Letras da UVA, que não aceita identidades desviantes do padrão heteronormativo, diz que

questionaria a postura dele enquanto profissional. O professor **deve considerar** os contextos sociais que eles **estão inseridos** (RESPONDENTE C).

O Processo Verbal (questionar) denuncia e desafia a postura preconceituosa do professor, o Processo Mental mostra maior inteligência emocional por parte do respondente do que do próprio professor e, por fim, o Processo Relacional deixa claro que o respondente exerce sua cidadania de maneira mais democrática e menos ditatorial.

Pela forma de agir das pessoas aos pouco **vai despertando** o gigante militante. **Percebo** que os alunos da Letras são mais abertos com relação a sexualidade do que alunos de outros cursos (RESPONDENTE E).

O processo material (despertar) mostra o reconhecimento e resistência dos alunos do curso de Letras referente ao movimento LGBT que, aos poucos, ganha espaço de discussão no próprio curso. Inclusive já houve a disciplina de Estudos de Gênero e Sexualidade na Literatura e no Cinema Queer (Tópicos Especiais II, da grade curricular antiga), minicursos e oficinas sobre sexualidade nas Semanas de Letras, sem contar com os movimentos estudantis que fomentam essa ideia de lutar pela ressignificação dos espaços e igualdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM ATO LEGÍTIMO DE RESISTÊNCIA

A partir da transitividade verbal dos processos realizados na fala dos acadêmicos do curso de Letras, há um movimento dialético entre a resistência e o silêncio dos sujeitos LGBT do curso, o que nos leva à pergunta inicial desta pesquisa, sobre a consciência das identidades de gênero dos estudantes de Letras da UEVA.

As representações de diferentes orientações sexuais (e como elas se manifestam) estão presentes no curso de Letras da UEVA e cada uma, a sua maneira, luta para conquistar o seu espaço. Porém, a consciência de uma representatividade coletiva só se mostra na fala de alguns respondentes, o que revela uma falta de unidade ou identidade LGBT do curso de Letras.

Isso se fundamenta no silenciamento que alguns respondentes expressaram em suas respostas, quando questionados sobre casos de opressão e preconceito. Estes acabaram por (re)produzir discursos arcaicos, configurados no grande número de processos relacionais. A pesquisa ainda conclui que há receio, por parte de alguns acadêmicos, de falar sobre gênero e sexualidade, caracterizando o padrão dicotomicamente heteronormatizado de homem/mulher e seus atributos específicos, onde de um lado há os que rompem com a ideia de masculinidade como algo fixo e, do outro, há os que transcendem o modelo machista e tendem para os comportamentos (identificados como) femininos, sendo estes, muitas vezes, criticados por outros LGBT que não se posicionam dessa forma.

Esse estudo é de grande importância para a construção de práticas de respeito e cidadania frente às diversidades sexuais. Cabe à academia atual, bem como às escolas, que se discutam partidos e gênero, a fim de criarem espaços de organização/construção da cidadania, nos quais o diálogo é peça fundamental para o combate à ignorância e desrespeito.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

DA SILVA, Laionel Vieira; BARBOSA, Bruno Rafael Silva Nogueira. Sobrevivência no armário: dores do silêncio LGBT em uma sociedade de religiosidade heteronormativa. **Estudos de Religião**, v. 30, n. 3, p. 129-154. 2016.

FREUD, S. (1905). Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade. In: FREUD, S. Obras completas. vol. VII. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HALLIDAY, Michael A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3a ed. London: Edward Arnold, 2004.

LINS JR. José Raymundo F. "*I'm not no queer*": a representação da homoafetividade no conto Brokeback Mountain, de Annie Proulx. (**Dissertação de Mestrado em Linguística**) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2012. 192p.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **Identidades fragmentadas**: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. Caminas-SP: Mercado de Letras, 2002.